

O ENSINO DE PSICOLOGIA NO ESPAÇO DAS LICENCIATURAS

Priscila Larocca

RESUMO

Neste artigo analisamos o ensino de Psicologia nos cursos de licenciaturas, procedendo a uma retomada de estudos e pesquisas de cerca de três décadas de história. A partir desta retrospectiva indagamos sobre o que aprendemos até aqui, quais problemas persistem em nosso cenário, exigindo de nós novas perguntas e ações. Consideramos o contexto de reformas curriculares, empreendidas recentemente nos cursos de licenciatura, e dados de pesquisa que indicam a persistência de muitos dos problemas antigos. Discutimos a idéia de que a persistência desses problemas está diretamente implicada com a manutenção da metáfora de fundamento na Psicologia da Educação, posicionando-se pela necessidade de modificação de seu status para o de uma disciplina teórico-prática.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de psicologia; Psicologia da educação; Licenciaturas

THE TEACHING OF PSYCHOLOGY IN THE SPACE OF INITIAL TEACHER TRAINING

ABSTRACT

This paper analyses the teaching of Psychology in the initial teacher training courses (higher education), proceeding a review of studies and research of the past three decades. From this retrospect the paper summarizes what we learned in this period, the problems which persist in our scenario, demanding new questions and deeds. In this paper, we consider the context of curricular reforms and research data which indicates the persistence of many old problems. We argue that the persistence of these problems is directly linked to the maintenance of the pivotal metaphor in the Psychology of Education, proposing the relevance of changing its status towards a theoretical- practical subject.

KEYWORDS

Teaching of psychology; Psychology of education; Teacher initial training

INTRODUÇÃO

Este artigo foi construído com o objetivo de suscitar discussões entre profissionais da Psicologia e da Educação, no Grupo de Trabalho “Ensino de Psicologia – Licenciaturas”, reunidos no evento *Diálogos sobre a docência em Psicologia*,¹ na UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, em 2007. O propósito do encontro foi debater desafios e responsabilidades que o ensino de Psicologia encerra para a docência, em suas diferentes facetas e níveis.

Considerando que o ensino de Psicologia como objeto de estudos e pesquisas já conta hoje com cerca de três décadas de história em nossa realidade educacional e como nos coube problematizá-lo em relação à formação propiciada aos futuros professores nas licenciaturas, decidimos por proceder a uma retrospectiva de estudos, indagando sobre o que aprendemos até aqui e sobre quais problemas persistem, em nosso cenário, exigindo de nós novas perguntas e ações.

A partir dos anos 80 intensificaram-se os trabalhos e pesquisas em diferentes estados e instituições brasileiras de ensino superior que apontaram para problemáticas do ensino de Psicologia na formação dos professores no espaço das licenciaturas.

Em 1987, Fini produzia, em sua tese de doutorado, conhecimentos sobre o ensino de Psicologia Educacional – Adolescência, em licenciaturas da Unicamp, tal como este se revelava aos alunos, o que nos permitiu compreender a necessidade de desenvolver, na condução do ensino, uma atitude reflexiva sobre a historicidade das teorias psicológicas e articular seus conteúdos ao *mundo-vida* dos licenciandos.

Montenegro, também em 1987, questionava o ensino de Psicologia em licenciaturas de nove instituições de Goiás, trazendo a pauta uma das principais questões que preocupam os formadores: a seleção dos conteúdos e das teorias a serem trabalhados nesses cursos diante da diversidade teórica constitutiva do conhecimento psicológico. Suas evidências desvelaram o dilema dos formadores em priorizar um dado enfoque teórico ou optar por vários. Naquela ocasião, Montenegro (1987) concluía que o formador deve esclarecer sobre as diferentes alternativas teóricas de que dispõe a Psicologia, numa perspectiva de trabalho em que os licenciandos compreendam como um determinado conhecimento foi produzido, a quem serve e como pode ser utilizado.

¹ Evento realizado de 28 a 30 de junho de 2007. Promoção: Faculdade de Educação da Unicamp, USP, UNIFESP (Baixada Santista) e Associação Brasileira de Ensino de Psicologia – ABEP.

Em 1992, Caparroz apresentava pesquisa realizada em cursos de licenciaturas de seis instituições paulistas, demonstrando o afastamento da Psicologia Educacional em relação à prática dos futuros professores e detectando um ensino que tentava transpor mecanicamente as teorias da Psicologia ao campo pedagógico, sem se dar conta do caráter multifacetado da realidade educacional, forçando a um reducionismo psicológico fenômenos educacionais que são mais amplos.

No ano seguinte, em Uberlândia – MG, Oliveira (1993) diagnosticava, na licenciatura em Psicologia, uma proposta curricular desarticulada da realidade educacional e das necessidades da formação.

Ainda, em 1993, Ióris retratava no ensino de Psicologia de quatro instituições paranaenses as seguintes problemáticas: discurso fragmentado e superficial; visão abstrata e descontextualizada do sujeito-aluno; ausência de concepção sobre o professor a ser formado; e a total falta de compromisso com a escola pública.

Em 1995, Gatti discutia o papel da Psicologia da Educação, ao rever problemas antigos e possíveis alternativas na relação com a estrutura das licenciaturas na época. Ao repensar a formação dos professores no que compete à Psicologia da Educação, ressaltava a importância de contemplar os processos comunicativos implicados no ensino, e não apenas os processos de aprendizagem, e considerava a importância de articular o ensino de Psicologia às vivências concretas que se efetivam cotidianamente no interior das escolas. Assim, colocava a importância de que o ensino de Psicologia focalizasse: “... todos os processos de comunicação humana da ordem dos valores, dos sentimentos à dos hábitos, passando pelas representações sociais de seres envolvidos em interação ativa, numa instituição com dinâmica própria, num contexto dado. (Gatti: 1995, p.16). Neste mesmo trabalho, Gatti concluía que as contribuições da Psicologia da Educação não satisfaziam as necessidades da formação dos professores e, ainda, funcionavam como ideologia de base científica que justificava a seletividade existente dentro do sistema educacional, sendo necessário que viesse a atuar numa proposta transformadora dessa realidade.

Em 1999, Mercuri, Batista e Soares revelavam o ponto de vista de egressos de cursos de licenciaturas da Unicamp acerca do ensino de Psicologia Educacional. Para os egressos que participaram da pesquisa a formação que receberam foi apenas razoável ou pouco adequada, desvelando duas grandes ausências: na relação dos conteúdos de

Psicologia com a realidade educacional e entre as disciplinas de conteúdos específicos das licenciaturas e as disciplinas pedagógicas.

Guerra, em 2000, discutia a Psicologia da Educação nas licenciaturas, considerando as implicações de diferentes teorias psicológicas para a educação, as quais, segundo a autora, precisam ser analisadas com criticidade, uma vez que produzem diferentes concepções sobre *o que e como* ensinar. Ao considerar que a Psicologia da Educação assume o caráter de disciplina teórica nos currículos dos cursos de formação de professores, mesmo levando em consideração que a organização disciplinar dos currículos já era apontada como fator dificultador de uma formação mais adequada, a autora entende que é possível alcançar uma formação qualitativamente melhor dentro dessa mesma estrutura. Para tanto, analisa que é necessário considerar as especificidades epistemológicas da Psicologia da Educação, buscar articulações com as demais disciplinas e levar em conta os fins e as características próprias de cada curso de licenciatura.

Guerra nos mostrou também a importância de valorizar os licenciandos como sujeitos que vivenciam um processo de desenvolvimento pessoal e profissional. Lembra-nos que eles são portadores de crenças, sentimentos, representações e saberes espontâneos que precisam ser considerados pelos professores formadores como pontos de partida para a constituição de um saber científico. A mediação dos formadores é, portanto, fundamental no aprendizado e no desenvolvimento dos licenciandos. Para o processo formador, a autora sugere debates coletivos, confrontos entre concepções diferentes, atividades cooperativas entre os colegas, pois é fundamental ter em vista formar educadores mais autônomos e conscientes.

O trabalho de Almeida, em 2000, teve como objeto de reflexão as necessidades dos professores que lecionam para adolescentes e jovens. Almeida nos traz estudos que apontam para a presença dessa questão, pois, tanto professores, como equipes escolares, freqüentemente apresentam imagens negativas, estereotipadas, dos adolescentes. Estas imagens são generalizadas no tecido social e os adolescentes são representados na escola por meio de estereótipos de imediatismo, pouca responsabilidade, rebeldia, agressividade, desinteresse, entre outros. Para Almeida, é papel da Psicologia desconstruir esses preconceitos e levar os licenciandos a compreenderem a importância fundamental do vínculo professor-aluno-adolescente

como elemento que favorece o aprendizado escolar. Assim, também, ao ensino de Psicologia cabe oportunizar conhecimentos científicos sobre o período da adolescência, pois muitos licenciandos percorrem os quatro anos dos seus cursos sem se dar conta que o aluno com quem vão atuar é necessariamente um adolescente. Assim, espera que o ensino de Psicologia contribua para que:

a relação professor-licenciado e aluno-adolescente possa ser estabelecida de forma prazerosa para ambos, que o professor perceba no jovem sua sensibilidade, sua capacidade de criar e recriar e que o professor represente para o adolescente uma pessoa em quem confiar, com quem compartilhar seus medos, angústias, uma pessoa que o ajude a compreender a complexidade da realidade, as contradições de uma sociedade em constante movimento. (ALMEIDA, 2000, p.116).

Nesta mesma época, publicamos resultados e reflexões sobre pesquisa em cinco licenciaturas² de uma instituição universitária paranaense, com o objetivo de conhecer problemáticas do ensino de Psicologia da Educação em relação à formação dos professores. (LAROCCA; ALTHAUS, 1999; LAROCCA, 2000). Nesta pesquisa, coletamos dados com licenciados egressos daqueles cursos, que já se encontravam em pleno exercício profissional nas redes de ensino básico e acadêmicos dos últimos anos, recorrendo também aos Coordenadores de Curso e Professores de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, para identificar as queixas e desacertos concernentes ao ensino de Psicologia. A partir dos dados, pudemos colocar em evidência os seguintes aspectos:

- a) desarticulação entre teoria e prática, formação e realidade;
- b) insuficiência da carga horária disciplinar nos currículos das licenciaturas;
- c) insatisfação com o trabalho dos formadores na organização e condução do ensino de Psicologia da Educação;
- d) ausência de vínculo entre a Psicologia da Educação e a área de conhecimento específica de cada curso.

Recentemente, Almeida (2005) investigou como o ensino de Psicologia é pensado nas licenciaturas, levando em conta o contexto de reformas curriculares, empreendidas na formação de professores, como decorrência da atual LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e das regulamentações promovidas pelo Conselho Nacional de Educação. Em sua pesquisa, considerou o momento de transição

² Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Letras, Licenciatura em História, Licenciatura em Geografia e Licenciatura em Ciências Biológicas.

vivido atualmente nos cursos de licenciatura, que tiveram que se adequar às normalizações vigentes e elaborar novas propostas de formação, tendo em vista a superação do modelo formativo racional- técnico, prevalente nas licenciaturas até então.

Os resultados da análise dos projetos formativos de quatro instituições, bem como de dados coletados com coordenadores e professores dos cursos, pela pesquisadora, não são muito animadores. Constatamos neles uma série de problemas antigos: a pesquisa como prática intencional é ainda pontual e esporádica; a perspectiva técnica é muito presente; o psicologismo e o conhecimento genérico e naturalizante da criança e do jovem, ao invés de um conhecimento sobre a condição humana, ainda prevalecem. Apesar de ser reconhecida a importância da articulação do ensino de Psicologia com as outras áreas de conhecimento e disciplinas específicas dos cursos, evidenciam-se sérias dificuldades em relação à prática interdisciplinar. Há também problemas relativos à diminuição da carga horária, pouca valorização nos cursos, e expectativas de que o ensino de Psicologia cumpra o papel de prescrever comportamentos para a solução de problemas de ordem prática.

Vemos, portanto, que não é a ausência de estudos e pesquisas sobre o ensino de Psicologia na formação dos professores, a causa da persistência de muitos de nossos problemas.

Ao refletir sobre a persistência de nossos problemas, primeiramente é preciso ter conta que muitos dos apontamentos feitos nas pesquisas não retratam apenas questões que se encerram no próprio âmbito do ensino de Psicologia. Grande parte deles associa-se ou deriva da mentalidade que se formou em função do *modus operandi* das licenciaturas, até então, baseado no modelo racional-técnico, que promove e mantém as dicotomias entre teoria e prática, pensar e fazer, fundamentos, conteúdos e metodologias. Outras questões relacionam-se com as políticas educacionais de nosso país para a formação dos professores, para o ensino superior, etc.

Mentalidade herdada do Positivismo, que se consolidou em nossa realidade educacional a partir dos anos 70, a racionalidade técnica supõe que a atividade pedagógica é uma aplicação linear de princípios e leis gerados pela investigação científica. O ensino de Psicologia na formação dos professores por muito tempo traduziu este modelo com a concepção de *Psicologia Aplicada à Educação*. Nesta concepção entendia-se que cabia à pesquisa em Psicologia gerar os conhecimentos

científicos que se aplicariam de modo racional à resolução de problemas do âmbito educacional. De maneira semelhante, as licenciaturas, fortemente influenciadas pela racionalidade técnica, adotavam tradicionalmente uma organização curricular seqüencial do tipo “teoria antes”, “prática depois”, supondo que as disciplinas básicas ou teóricas tinham a função de compreender, interpretar e prescrever os modos de aproximação e de resolução de problemas só encontrados e discutidos pelas disciplinas “práticas”, cuja função era apresentar aos licenciandos o campo educacional propriamente dito.

A consideração da Psicologia da Educação como disciplina eminentemente teórica, ou dentro da *metáfora de fundamento* (Bzuneck:1999), tem suas raízes na mentalidade racional-técnica que impregna, de longa data a formação nas licenciaturas. O modelo racional-técnico ignora teoria e prática como categorias indissociáveis; desconsidera os fins políticos e sociais que existem em toda prática educativa; reduz o professor a um mero executor de procedimentos e regras gestados fora de sua prática profissional; além de roubar-lhe a reflexão sobre sua própria ação e sobre os objetivos mais amplos que persegue em relação à vida social.

Além disso, este modelo não dá conta da complexidade existente na realidade educacional, que coloca resistências e impasses de toda forma às tentativas de enquadramento da prática profissional em esquemas técnicos, pré-estabelecidos. Como diz Almeida (2005):

Essa compreensão é bastante limitada e desconsidera que a contribuição da Psicologia da Educação não se encerra nela mesma. Isso pressupõe assumir que os conhecimentos psicológicos existem em função da intervenção pedagógica, exigindo do professor uma ação deliberativa que se constrói num processo dialético entre as convicções pedagógicas e as possibilidades de realiza-las, o que significa que a Psicologia pode ajudar o professor a refletir criticamente sobre sua prática e imprimir-lhe novos direcionamentos. (ALMEIDA, 2005, p.150).

Faz-se necessário, portanto, considerar a Psicologia da Educação como uma unidade dialética, cujos pólos estão em contínuo movimento, num ir e vir entre o domínio da ciência Psicologia, que fornece as teorias, e o domínio da Educação, que é prática social que desejamos ver transformada com a interferência dos professores que se formam nas licenciaturas.

Ora, ao nos indagarmos sobre o que aprendemos até aqui, ou que lições os estudos sobre o ensino de Psicologia oferecem aos formadores, constatamos que os

problemas enumerados pelas pesquisas apontam para a contribuição significativa da idéia de *Psicologia como fundamento* neste estado de coisas. Não é à toa, portanto, que as pesquisas configuram um ensino de Psicologia *sobrenadante*, com grandes dificuldades em atingir a concretude da escola.

Acreditamos que a idéia de que a Psicologia é apenas um fundamento *teórico* da Educação em muito contribuiu para convalidar o distanciamento que se evidenciou nas pesquisas, em relação à prática pedagógica. Assim, se constatamos um ensino descuidado com os temas/problemas emergentes da realidade educacional e das características do alunado adolescente, principalmente das escolas públicas, não podemos ignorar que é a metáfora de fundamento que concretiza a racionalidade técnica no ensino de Psicologia da Educação. A metáfora de fundamento dá o aval para que as ligações *de fato* com as práticas escolares não aconteçam. Assim, também, a Psicologia isola-se do projeto de formação, constituído pelo todo das disciplinas de um curso, uma vez que não vive, nem compartilha com outras disciplinas, a necessidade da interdisciplinaridade, a qual só se coloca mediante a vivência com problemas concretos. A Psicologia da Educação nas licenciaturas vive, portanto, uma situação artificial, que no máximo aproxima-se dos problemas da prática, mas não os vive efetivamente com os licenciandos.

Evidentemente, não podemos negar que muitos formadores realizam ótimos trabalhos, a despeito da mentalidade predominante nos cursos de licenciatura. Contudo, temos defendido a idéia de que a Psicologia da Educação deve assumir-se como disciplina teórico-prática, modificando-se o seu *status* na formação dos professores, para que adquira o sentido de *trabalho vivo* e não artificial. Acreditamos que esse é um desafio dos mais importantes que nós formadores ainda temos a perseguir.

O formato de *fundamento* conduz o ensino de Psicologia à simples assimilação de conceitos, princípios e teorias que os aprendizes de professor apenas devem reproduzir nas aulas, nos textos, nas avaliações. Promove, portanto, grandes dificuldades em levá-los a teorizar a prática pedagógica, pelo exercício de sua condição de sujeitos pensantes, autônomos, inteligentes e interferentes, situados no mundo a que são chamados a transformar.

Se a metáfora de fundamento partiu ao meio a Psicologia da Educação, um de nossos compromissos é torná-la mais inteira, contando com os instrumentais reflexivos

das teorias psicológicas, articulando-se com as demais áreas do conhecimento e vivendo o dinamismo dos movimentos da realidade, juntamente com os nossos alunos licenciandos.

Sabemos que as novas diretrizes curriculares já tornaram realidade a separação entre bacharelado e licenciatura, sendo uma de suas principais intenções a construção de uma identidade profissional do licenciado como professor. Contudo, o que podemos dizer, se constatamos que a metáfora de fundamento ainda persiste? Se as “novas” propostas de formação criam mil e um novos formatos de disciplinas práticas, sempre separadas dos fundamentos, mas agora colocadas desde o início do curso? Insistimos, então, perguntando: As novas propostas das licenciaturas concretizarão este objetivo? E o ensino de Psicologia, tal como se encontra, como poderá favorecer a construção desta identidade profissional?

Estas são perguntas que ainda temos a responder através dos nossos debates e pesquisas.

Os trabalhos que mencionamos aqui certamente não esgotam o universo de pesquisas e indagações sobre o ensino de Psicologia, mas nos oferecem um retrato expressivo de suas problemáticas e também da trajetória crescentemente emancipadora que o ensino de Psicologia, como objeto de estudos, vem empreendendo.

Nesta trajetória, há que se citar uma série de experiências bem sucedidas no âmbito da formação de professores balizadas por tentativas de superar as problemáticas já conhecidas, descortinando possibilidades para melhorar a qualidade da formação. Azzi e Batista (2000), por exemplo, desenvolveram uma experiência de articulação teoria e prática, que nos confirma a fecundidade do processo de reconstrução dos conteúdos psicológicos pelos licenciandos, mediante um trabalho de observação de contextos educacionais. Azzi, Batista e Pereira (2000), Pereira (2001) e Larocca (1996, 1999, 2000) referendam o valor da problematização da prática pedagógica através de temas e estratégias que mobilizam o envolvimento dos alunos através de trabalhos de campo, seminários, pôsters etc.

Outros trabalhos (PEREIRA; ALMEIDA; AZZI, 2002; SADALLA; BACCHIEGGA; PINA; WISNIVESKI, 2002; SADALLA; CARVALHO, 2002; OLIVEIRA; AZZI, 2002; LAROCCA, 2002) voltam-se para reflexões sobre o ensino

de Psicologia na formação, buscando relações e mediando uma prática pedagógica crítica e reflexiva.

Para finalizar, julgamos importante destacar a necessidade de buscarmos a superação das limitações institucionais e curriculares para alcançarmos uma contribuição mais viva da Psicologia da Educação, principalmente aquelas que só a compreendem a partir da metáfora de fundamento.

Proust dizia: “Uma verdadeira viagem de descoberta não é a de pesquisar novas terras, mas de ter um novo olhar.” (PROUST, apud MORIN, 2000). É esse olhar que entendemos ser fundamental para que a Psicologia, na formação de professores, se torne mais inteira, mais completa quanto ao que se propõe na formação dos docentes. A questão, pois, não é a de pregarmos uma *nova psicologia*, diferenciada em conteúdo da que temos, mas de propor um novo olhar para o trabalho com as contribuições existentes. Que esse olhar não pretenda explicar univocamente a educação através de conteúdos selecionados, mas pretenda conquistar uma unicidade de busca em torno do questionamento das ações e condições humanas que configuram a totalidade da Educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. C. A. Discutindo a relação professor-licenciado e aluno-adolescente à luz da formação em psicologia. In: AZZI, R. G.; BATISTA, S. H. S. S.; SADALLA, A. M. F. A. **Formação de professores: discutindo o ensino de psicologia**. Campinas: Alínea, 2000, p.97-118.

ALMEIDA, P. C. A. **Os saberes necessários à docência no contexto das reformas para a formação de professores: o caso da psicologia da educação**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

AZZI, R. G.; BATISTA, S. H. S. S. Ensinando psicologia na licenciatura: experiências, opções e aprendizagens. In: AZZI, R. G; BATISTA, S. H. S. S.; SADALLA, A. M. F. A. **Formação de professores: discutindo o ensino de psicologia**. Campinas: Alínea, 2000, p. 149-162.

AZZI, R. G; BATISTA, S. H. S. S.; PEREIRA, M. A . L. Ensino de psicologia na licenciatura: estratégias de ensino como facilitadoras da articulação entre realidade da escola e conteúdo teórico. In: AZZI, R. G; BATISTA, S. H. S. S.; SADALLA, A. M. F.

A. **Formação de professores:** discutindo o ensino de psicologia. Campinas: Alínea, 2000, p. 163-180.

BZUNECK, J. A. A psicologia educacional e a formação de professores: tendências contemporâneas. **Psicologia escolar e educacional**. ABRAPEE, Campinas, v.3, n.1, p.41-52, 1999.

CAPARROZ, A. A. **A psicologia da educação e os cursos de licenciatura nas faculdades particulares do município de São Paulo**. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

FINI, L. D. T. **A situacionalidade da psicologia educacional:** adolescência nos cursos de licenciatura da Unicamp. 1987. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

GATTI, B. A. A estrutura das licenciaturas: problemas antigos, alternativas e papel da psicologia da educação. **Psicologia da Educação**. São Paulo, n.1, p.9-29.

GUERRA, C. T. Conhecimento psicológico e formação de professores. In: AZZI, R. G; BATISTA, S. H. S. S.; SADALLA, A. M. F. A. **Formação de professores:** discutindo o ensino de psicologia. Campinas: Alínea, 2000, p. 69-96.

IÓRIS, S. M. **As contribuições da Psicologia da educação na formação de professores do estado do Paraná**. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

LAROCCA, P. **Conhecimento psicológico e séries iniciais:** diretrizes para a formação de professores. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. **A psicologia na formação docente**. Campinas: SP: Alínea, 1999.

_____. O ensino de psicologia da educação sob o olhar de licenciandos e licenciados. In: AZZI, R. G; BATISTA, S. H. S. S.; SADALLA, A. M. F. A. **Formação de professores:** discutindo o ensino de psicologia. Campinas: Alínea, 2000, p. 119-145.

_____. Problematizando os contínuos desafios da psicologia na formação docente. In: AZZI, R. G. e SADALLA, A. M. F. de A. (Org.). **Psicologia e formação docente:** desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 31-45.

LAROCCA, P. e ALTHAUS, M. T. M. **Psicologia da educação, didática e profissionalização docente:** uma avaliação por licenciados e licenciandos da Universidade Estadual de Ponta Grossa. 1999. Relatório Final de Pesquisa. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, Paraná.

MERCURI, E.; BATISTA, S. H.; SOARES, C. A ótica dos egressos sobre o ensino de psicologia em cursos de licenciatura da Unicamp. REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA, 1999, Campinas, [Anais...] Campinas, 1999.

MONTENEGRO, M. E. **A psicologia educacional nas licenciaturas no estado de Goiás**. 1987. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MORIN, E. **Complexidade e transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Trad: Edgard de Assis Carvalho. Natal: EDUFRN, 2000.

OLIVEIRA, D. T. L. **A formação do professor de psicologia**: estudo de uma licenciatura em psicologia. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

OLIVEIRA, G. A. P.; AZZI, R. G. Professor-pesquisador e Psicologia: problematizando relações. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. A. (Org.). **Psicologia e formação docente**: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p 213-228.

PEREIRA, M. A. **A busca de caminhos que integram teoria e prática na formação inicial**: o caso de uma disciplina de psicologia. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PEREIRA, M. L. A.; ALMEIDA, P. C. A.; AZZI, R. G. A dimensão teórico-prática da psicologia educacional na formação de professores: a metodologia da problematização como desencadeadora da articulação entre teoria e prática. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. A. (Org.). **Psicologia e formação docente**: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 185-212.

SADALLA, A. M. F.; BACCHIEGGA, F.; PINA, T. A.; WISNIVESKI, M. Psicologia, Licenciatura e saberes docentes: identidade, trajetória e contribuições. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. A. (Org.). **Psicologia e formação docente**: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 47-92.

SADALLA, A. M. F.; CARVALHO, L. C. Psicologia e parâmetros curriculares nacionais: contribuições para formação de professores? In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. A. (Org.). **Psicologia e formação docente**: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 161-184.

PRISCILA LARocca

Professora de Educação e do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná; Doutora, onde atua na linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem e como líder do GEPEP – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Psicologia.
E-mail: priscilalarocca847@hotmail.com

Recebido em: 25/05/2007

Publicado em: 14/06/2007